

## **A influência do mito Mário Palmério no cenário político mineiro da década de 1940**

Lizandra Cortez Gomes<sup>1</sup>

Mário Palmério foi um educador, escritor e político mineiro. Nascido em 1º de março de 1916, em Monte Carmelo, Minas Gerais, mas criado em Uberaba, ficou conhecido pelas obras *Vila dos Confins* (1956) e *Chapadão do Burge* (1965).

Se as contribuições para a literatura brasileira não fossem o bastante, já que ocupou a vaga de Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, sua atuação política no Triângulo Mineiro foi objeto de estudo do doutor em história e pós-doutor em estudos culturais, André Azevedo da Fonseca. O trabalho resultou no livro *A construção do mito Mário Palmério*, publicado em 2012.

Azevedo, que também é autor do livro *Cotidianos culturais e outras histórias*, Uniube, 2004, que contém artigos, reportagens e crônicas publicadas pelo escritor em periódicos. Ele também criou o Memorial Mário Palmério quando coordenou o curso de comunicação social da Universidade de Uberaba. Atualmente, o autor é professor e pesquisador do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina.

Dividido em duas partes, o livro trata, em suma, do controle do imaginário coletivo. Na primeira, iniciando com a vida particular, familiar e profissional de Mário Palmério, mas que já construía a sua ascensão social. Já na segunda, Azevedo faz a descrição do cenário regional e das manobras políticas de Palmério.

A partir de pesquisa no acervo do extinto jornal mineiro *Lavoura e Comércio*, o historiador consegue traçar a trajetória do que então seria o mito Mário Palmério. Nos anos de 1930, o jornal representava para a família Palmério um reflexo da herança social do pai. Francesco Luigi Vitório Palmério foi engenheiro, advogado, diretor de jornal e juiz. Constantemente, os filhos “apoderavam-se” do prestígio do pai no jornal. Se hoje em dia o uso dos adjetivos é uma constante nas colunas sociais, na década de 1930 e 1940, o impresso não economizava nas palavras, nem mesmo nos noticiários. O veículo tinha grande respeito pela figura de Francisco Palmério. Mas, de acordo com o livro, Mário Palmério queria ser reconhecido não somente pela figura paterna.

Para isso, ele teve que trabalhar arduamente e iniciou sua carreira na educação, lançando um curso de madurez para a certificação secundarista, até conseguir, em

1947, inaugurar a Faculdade de Odontologia. Dessa forma, Palmério teria a sua visibilidade, já que o jornal regional considerou que a instituição influenciaria a projeção de Uberaba no cenário mineiro.

Portanto, o livro retrata todas as estratégias políticas do escritor, mesmo antes dele adentrar efetivamente a carreira política. Segundo notamos, através da descrição do autor, Palmério tinha atitudes minuciosamente estudadas para se lançar como uma figura pública. Para Carl Jung, em os *Arquétipos e o inconsciente coletivo* (2002), a figura do mestre remonta à presença do xamã das sociedades primitivas. O “velho sábio” também pode aparecer como mago, médico, sacerdote, avô, e no caso de Palmério, professor, ou seja, aquele que “penetra com a luz do sentido a obscuridade da vida caótica” (JUNG, 2002, p.46). Conscientemente ou não, o seu histórico foi implantado no imaginário daquela sociedade, como um professor profetizando a sua reconstrução através da educação.

Falando em mundo caótico, Fonseca remonta ao cenário em que Uberaba enfrentava, na década de 1940, de múltiplas crises: social, econômica, política e identitária. Talvez esta última seja a que Palmério mais teria utilizado para se promover. Na verdade, o mineiro implantou o sentimento de amor próprio em discurso realizado na entrega de diplomas do Colégio Triângulo Mineiro para pessoas de toda a região, mostrando que o Triângulo teria capacidade de ter a sua própria universidade e melhores condições de educação. O autor mostra que a sensação de abandono, por parte do governo do Estado era geral, e se falava, então, em movimentos separatistas. O que a população precisava seria de um “herói” para abraçar a causa. Para Jung, o ser herói é vencer a escuridão (2002, p.168). Portanto, foi quando Mário Palmério criou, em 1950, um manifesto político, “Cartas aos Triangulinos”, se lançando como um líder social, uma pessoa que teria a resposta, e claro, um professor que ministrava lições ao povo uberabense.

Não foi à toa que Mário Palmério se afiliou ao partido do então ex-presidente da república Getúlio Vargas (PTB), que passou de ditador a populista ou paternalista. Assim, Palmério pôde lançar a sua candidatura na Câmara Federal. Com riquíssimo acervo de fotos, Fonseca ilustra um encontro entre Palmério e Vargas com uma foto tirada em 1950, que considera “mágica”, já que o político a utilizou durante sua campanha.

Segundo o autor, a vitória de Mário Palmério nas eleições de 1950 representa o resultado de um conjunto de questões da cultura política regional. Para Fonseca, o

deputado é um exemplo da exploração do **poder simbólico**, termo utilizado por Pierre Bourdieu para definir a construção de uma realidade que dá sentido ao mundo (1989, p. 9).

Em sete capítulos, o leitor terá referências da história do interior de Minas Gerais, nas décadas de 1930 e 1940. Com muitos trechos dos jornais locais, principalmente do *Lavoura e Comércio*, é possível visualizar uma sociedade que estava em decadência, mas vislumbrava a ascensão. A força do interior manifesta-se em *A construção do mito Mário Palmério*, principalmente no que diz respeito ao ufanismo ou até mesmo ‘bairrismo’.

Portanto, através do livro, podemos perceber como a política se utiliza do imaginário social e da memória coletiva da população, criando poder e figuras míticas, como a do próprio Mário Palmério. O livro é quase um manual sobre as articulações políticas realizadas através do poder simbólico.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand, 1989

FONSECA, André Azevedo da. **A construção do mito Mário Palmério**: um estudo sobre a ascensão social e política do autor de Vila dos Confins. São Paulo: Editora Unesp, 2012.

FONSECA, André Azevedo da. A imaginação no poder: o teatro da política na encenação da legitimidade. **Contracampo**, Niterói, v. 1, n. 16, p.167-182, jan. 2007. Semestral. Disponível em: <http://www.uff.br/contracampo/index.php/revista/article/view/398/196>. Acesso em: 07 abr. 2014.

JUNG, Carl. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.